

Amigos a gente encontra... e desencontra

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Naquele dia não fiz minha caminhada de todas as manhãs, trabalhos em atraso e o tempo carrancudo do inverno paulistano fizeram com que eu transferisse meu exercício geriátrico diário para o período da tarde, quando o clima provavelmente estaria mais ameno. Saí por volta das 14h e, antes que eu alcançasse a esquina, um homem começou a me acenar e, mesmo à distância, passou a me interpelar sobre o caminho para uma comunidade próxima, ao mesmo tempo em que caminhava em minha direção.

Calçava sandálias tipo havaianas e vestia bermuda e camiseta – *Senhor, disse ele, sabe dizer se a comunidade está muito longe daqui?* Diante de meu olhar de interrogação ele insistiu – *tem uma comunidade aqui perto, não tem? A Favela Boqueirão.*

Respondi que sim e ele estava próximo, porém caminhando no sentido contrário. Então, foi a vez dele fazer cara de interrogação.

Expliquei, com a ajuda de gestos, que a comunidade estava a duas quadras daquele lugar e que, sim, ele chegaria até lá seguindo o caminho que estava fazendo, porém seria mais demorado.

Também indaguei sobre a região da favela onde ele queria chegar, se junto à Av. Tancredo Neves ou se na parte mais ao alto, ele não soube responder. Disse-lhe então que eu passaria próximo ao acesso de cima e que, se ele quisesse, poderia me acompanhar. Foi o que ele fez dizendo: *Se o senhor está dizendo que por aqui é mais perto, vamos juntos.* No curto espaço em que caminhamos lado a lado ele conseguiu falar muitas coisas (como falava a criatura), começou dizendo que foi pedir a mesma informação para outra pessoa que, ao vê-lo se aproximar, fugiu correndo na direção oposta. *Acho que ele pensou que eu fosse ladrão, vê se eu tenho cara de ladrão* e, antes que eu pudesse fazer qualquer comentário, completou o raciocínio, contradizendo sua frase anterior. *Como se ladrão tivesse cara!*

Eu disse que as pessoas andavam com muito medo e que o clima no Brasil estava pesado. Ele ameaçou concordar, disse que compreendia, mas se sentira ofendido. Depois passou a perguntar sobre minha vida, se eu tinha filhos, se estava aposentado, se eu trabalhava, tudo muito rápida e seguidamente sem me dar chance de elaborar respostas mais completas. O caminho a ser percorrido era de duas quadras e, ao final da primeira quadra, quando já nos tornáramos amigos íntimos, ele desferiu a seguinte frase: *Não consigo mentir para o senhor, o senhor me respeitou, eu roubo sim, mas roubo somente carros, só roubo de quem tem! Puxo aqui em São Paulo e levo pra picar em Diadema.**

Tentei fingir naturalidade e não esbocei qualquer reação, fiquei intrigado porque estávamos a poucos metros de um posto da Guarda Civil Municipal. Este posto fica em uma praça que ocupa a área equivalente a uma quadra e, em seu limite mais elevado faz divisa com o Jardim da Saúde, bairro residencial de classe média alta, enquanto em seu limite mais abaixo faz divisa com a referida comunidade. Tenho quase certeza que, por conta da existência dessa “zona neutra”, é que foi construído o tal posto. Atravessando a rua, atingimos a praça e eu, ainda me perguntando o porquê da confissão naquele lugar tão próximo à polícia, disse ao meu novo amigo que ele poderia cortar caminho pelo meio da praça e que, ao final dela estaria dentro da Favela Boqueirão. Ele então me agradeceu estendendo sua mão que apertei sem hesitar. Separamos nosso caminho exatamente em frente ao tal posto, onde quatro policiais conversavam junto a duas viaturas paradas. Desnecessário dizer que durante o restante da caminhada minha cabeça fervilhou em grau elevadíssimo.

Lembrei-me de outros casos semelhantes quando fui abordado por “essa gente que ninguém pergunta de onde vem”. Gente que te pede um troco para “dar um pico” gente que pede na porta dos mercados pra você comprar um quilo de arroz ou de feijão, gente que exhibe cartazes de fome nos semáforos, gente que “mora” nas praças e calçadas. – *Ah, mas este é um ladrão, não deve ser comparado com os que apenas pedem* –. Com quem devo compará-lo então?

Quantas conjecturas posso fazer a partir deste raciocínio?

Meu amigo ladrão é diferente dos industriais que, se aproveitando dos momentos de crise diminuem a quantidade de produtos nas embalagens?

Ele é diferente do empresário que sonega impostos e não cumpre direitos trabalhistas?

Ele é diferente do funcionário público que aceita propina?

E do cidadão de bem que oferece essa propina?

Ele é diferente do juiz que vende sentenças?

A princípio eu havia pensado em colocar como título deste texto

“O dia em que conheci um ladrão.”

O problema é que eu não consigo me lembrar que dia foi esse.

■ ■ ■

* Diadema é o “D” do ABCD paulista, nasceu como cidade dormitório dos operários da indústria automobilística nos anos 1960, hoje faz parte da região metropolitana de São Paulo e se integra perfeitamente à capital paulista, inclusive nas mazelas.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.